

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MORDE FORTE) E AFRICA ORIENTAL., 2\$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., CU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AS ELEIÇÕES DA MISERICORDIA

E' tempo, mais do que tempo, que a cidade de Aveiro se emancipe da tutela ignominiosa e ignobil em que tem vivido até hoje. Tudo que se tem passado, tudo que tem succedido ha muitos annos para cá é uma verdadeira vergonha. Mas vergonha maior seria ainda que uma situação tão deshonrosa e tão degradante não tivesse agora um termo definitivo e fatal. Seria caso unico na historia que uma cidade, na sua grande maioria honesta e digna, não tivesse a energia necessaria, nem o pundonor bastante para se libertar d'uma vez para sempre d'essa companhia de malandros, que tanto tem abusado da sua indifferença ou da sua inercia para commetter actos incriveis de ladroeria, de despotismo e de pouca vergonha.

Não tem nada, já o dissémos, absolutamente nada que o recomende, esse homem que preside aos destinos d'esta terra. Esta campanha que nós temos sustentado não é contra o partido progressista, nem a favor de partido nenhum. E' contra uma turba multa de ciganos que, como praga de gafanhotos, cahiram sobre nós. E' a favor da honestidade nacional e da moralidade publica. E' pela virtude, é pelo brio e contra todos os intrujões e ladrões que exercem por ahí a sua profissão de bandidos. E, principalmente, contra o peor, o mais graduado e o mais responsavel, contra o chefe, contra o capitão, contra o dirigente da malta.

Não tem nada, absolutamente nada que o recomende á consideração publica, esse homem. Nem tem talento, nem tem probidade, nem tem seriedade. Olhem que é boa, esta! Scientificamente, ou litterariamente, Manuel Firmino d'Almeida Maia nem chega a ser um rabiscador. E' uma nulidade perfeita. Moralmente, é o monturo que nós temos descrito. Como foi, então, que esse miseravel derrotou José Estevão e como é que toda a vida lhe tem escouçado a memoria? Como foi, então, que esse homem chegou a adquirir proeminencia, preponderancia e influencia, talvez a maior influencia de Aveiro? Não se pôde responder sem um desdouro profundo para nós. Para vergonha e castigo, basta que apontemos o facto á indignação do paiz. E o facto é esse. E' que houve n'esta terra um homem que foi um ladrão, um despota, um immoral, um patife. Esse homem achincalhou com todos e de todos brincou. Tudo offendeu, tudo espesinhou. Entretanto, foi o maior influente de Aveiro até ao momento presente!

E' raça d'escravos, isto? E' povo d'acephalos? Não, é principalmente raça de brutos. Abraçando todos os populares, dos quaes beijava todos os filhos, insinuou-se pouco a pouco no animo do povo. E então o povo es-

queceu tudo o mais para olhar só para isso.

Pois fez mal, muito mal. E tudo prova uma só coisa, muito simples, muitissimo simples, tão simples que diz tudo n'um instante:—é que o povo não tem tido caracter, nem dignidade.

Se o povo tivesse caracter não se deslumbrava com os abraços do sr. Manuel Firmino. Deslumbrando-se, é porque reconhecia que o sr. Manuel Firmino lhe fazia favor e o distinguia muito abraçando-o. E n'essas circunstancias passava a si proprio um diploma d'indigno da liberdade, um diploma d'escravo. Só ao escravo é que o senhor faz favor em o abraçar e só a esse elle distingue d'essa maneira. A um homem livre, um abraço nunca significa um favor, nunca significa uma graça; significa amizade ou confiança. E, por seu turno, um homem honesto e sério nunca aceita amizades e nunca aceita confianças senão d'outro homem também honesto e sério.

Portanto, das duas uma: ou esse povo amigo do Manuel Firmino, esse povo que lhe deu a influencia e o poderio por causa dos abraços e dos beijos nos filhos, considerava os taes abraços e beijos como um signal supremo de distincção, como um favor excepcional, ou os considerava como demonstração de amizade e camaradagem. Se os considerava como signal de favor, é mais digno da escravidão que da liberdade que gosa. Se os considerava como signal d'amizade, não tem brio nem caracter em aceitar amizades d'um ladrão e d'um tratante da laia do manel do olho vivo.

D'aquí não ha sahir. E' o dilemma fatal em que se vae bater quando se consideram os motivos da influencia que teve e que tem entre nós o governador civil substituto. E' claro que não estamos falando de todo o povo de Aveiro. Muito d'elle nunca acompanhou o tratante. Foi sempre puro, este! Outro acompanhou-o por ingenuidade; mas voltou-lhe as costas assim que o conheceu. Este rehabilitou-se. E são essas duas partes que constituem a opposição honrada e forte que na quarta-feira vae dar no malandro o golpe de graça de que elle precisa. Esse é o povo patriota. Esse é o povo sadio, generoso e forte. Sadio no corpo e sadio na alma.

Mas ha outra parte que segue o bandido, que o apoia e que o defende atravez de tudo. Esse povo não pôde allegar ignorancia. Sabe que o Manuel Firmino é um arbitrario e um intolerante, que é um injusto, que é um immoral, que é um ladrão. Sabe isso e sustenta-o! E vae votar com elle nas eleições da Santa Casa da Misericordia que, além de tudo, representam uma affronta vil á memoria veneranda de José Estevão!

Esse povo não tem caracter nenhum. E' um bando de parias. E' villão, é indigno da liberdade.

São esses os miseros que estamos estigmatizando e que nós queríamos fossem arrastados á praça publica para serem exaortados ahí das suas honras civicas, das suas regalias politicas, dos seus direitos de cidadãos. Porque não teem desculpa, nem justificação de qualidade nenhuma. Estarem aqui renegando as tradições da sua terra, lançando á margem os nomes mais venerandos d'Aveiro, desprezando a memoria d'um vulto da cathedra de José Estevão para defendem e apoiam um bruto, um desavergonhado, um cynico, um deshonesto, um ladrão! Brada aos céos. São uns indignos, são uns vis, todos esses que defendem e apoiam o governador civil substituto. São os factos que o dizem, são as circunstancias que o provam. Barafustem á vontade. Que nós estamos costumados a dizer a verdade, só a verdade, e n'esse costume havemos de continuar até ao fim.

Um homem que nem sequer tem tido a habilidade, e chamámos-lhe habilidade porque patriotismo nunca houve n'aquelle coração cheio de hypocrisia e perfidia, de favorecer materialmente a sua terra, que tem feito esse bruto? Que melhoramentos lhe deve a cidade?

Fez o jardim, mas para o fazer praticou o mais revoltante vandalismo que se poderia imaginar. Destruiu dezenas das arvores mais bellas e gigantes do paiz. Arrasou uma alameda que, tratada convenientemente como deveria ser, constituiria um dos mais bellos passeios conhecidos. Uma alameda que valia por si trinta dos jardins actuaes. E quando havia tanto espaço na terra, tantos locais apropriados, ou susceptiveis d'expropriação para estabelecer um jardim, o bruto foi-se áquella maravilha, áquelle producto gigante da natureza e fez d'elle tábuas para sobre os seus destroços e ruínas erguer isso que elle aponta para ahí como o seu maior titulo de recommendação e de benemerencia.

Um selvagem, verdadeiramente um selvagem.

Bem. Mas continuemos com a enumeração dos grandes melhoramentos d'esse herode.

A estrada d'Arada era outra belleza pelas arvores formosas que a orlavam. Pois o bruto foi-se a ellas e cortou umas e devastou outras. Porque? Porque os lavradores allegavam que as arvores lhe faziam sombra a uma miseravel nesga de terra. Debalde se disse ao bruto que acima dos interesses de meia duzia de lavradores estavam os interesses de milhares de municipios. Que acima das conveniencias particulares estava a conveniencia publica. Que acima do egoismo de

seis individuos estava o aformoseamento, a hygiene e a belleza d'uma localidade. Que os lavradores não tinham questão de direito a levantar porque antes das propriedades serem suas lá estavam os alamos e que com alamos elles as obtiveram.

Foi bradar no deserto, como sempre. A brutalidade da besta sobrepõe-se a todas as coisas. Para aquelle grandissimo alarve nada vale senão a chicana eleitoral. Se para ter votos fór preciso deitar o fogo a Aveiro, elle deita-o sem hesitar. E como se costumou a ser senhor absoluto, e como os lavradores dispunham d'uma duzia de votos, desprezou as reclamações que lhe fizemos n'este jornal, poz de parte a vontade do publico sensato, foi-se ás arvores e arrancou-as. Uma besta!

Outra. O largo de S. Sebastião recommendava-se por varias circunstancias, sendo a principal a vantagem que ha sempre para uma localidade em poupar largos e praças, que se prestam immenso ao recreio e ás necessidades mercantis do povo. E quando nada o recommendasse para o fim que referimos, também não tinha recommendação para construcções d'edificios. E, finalmente, se queriam alli construir edificios, construissem-n'os ao menos com ordem, com asseio e com elegancia.

Que fizeram elles? Reparar n'essa monumental borracheira, n'essa porcaria do largo de S. Sebastião.

Mas bem. Suppunhámos que com esse largo não se davam as condições de recreio publico, interesse e belleza em que falámos. Davam-se incontestavelmente com o largo do Rocio. Que bello largo, que sumptuosa coisa para recreio, com os preparos, está claro, e os trabalhos indispensaveis! Que excellente local para uma exposição, um mercado eventual, qualquer d'essas mil coisas que são inherentes á vida d'um povo, que quer ser civilisado e que quer progredir! Mesmo sem trabalhos de aformoseamento, mesmo sem aproveitamento nenhum, como estava, não era bello e magestoso aquillo? Pois esse grande animal, esse quadrupede, esse burro, que ha mais de trinta annos deshonor e estraga esta terra, foi-se ao largo do Rocio e deu cabo d'elle, como dá cabo de tudo.

Outra. O quartel de cavallaria podia ser um edificio modelo. Os leitores já viram, por uns artigos d'este semanario, como aquillo é uma monstruosidade. Quem tem a culpa? O Manuel Firmino, e a companhia dos malandros que elle commanda. O Manuel Firmino, que foi entregar aquillo nas mãos d'um bruto como elle. O Manuel Firmino, que nunca cessou de applaudir esse bruto, levando o cynismo e a pouca vergonha até dizer no seu jornal ainda ha dois dias que o quartel de

cavallaria 10 era um quartel modelo, o primeiro do paiz e dos primeiros da Europa!

Que malandros! O quartel de cavallaria 10 é mas é uma porcaria, uma vergonha, um nojo. Já o provámos aqui. E com essa porcaria e nojo ficou o municipio d'Aveiro empenhado para toda a sua vida. O quartel de cavallaria 10 foi mas foi uma fonte inexaurível de roubos para a companhia dos malandros, como a ha de ser o novo edificio para repartições districtaes. Uns malandros que se fartaram de roubar a nação no quartel de Sá, e que veem depois cá para fóra apregoar o seu civismo e o seu patriotismo. Arre, canalha vil!

E ahí está o homem, ahí está o heroe. Eis o puro, que teve artes d'arrastar o povo a derrotar na urna o grande orador José Estevão Coelho de Magalhães, como tem hoje chicana bastante para levar alguns individuos a escarnecer a memoria d'aquelle grande homem.

Ide, escravos, ide sustentar na urna esse ladrão, esse malandro, esse grandissimo patife. Ide, miseraveis, ide deshonnar a vossa terra, manchar as suas tradições respeitabilissimas, polluir a sua vida gloriosa. Ide, vis, ide cuspir na memoria sagrada de José Estevão. O dia 19 espera por vós. Ide, que nós só temos pena de que a historia um dia, ao tomarvos contas severas da vossa infamia, se possa esquecer de tantas almas generosas que altivamente protestaram contra tanta baixeza, tanta indignidade, tanta vergonha.

A estatua de José Estevão não será inaugurada antes de sahirem do hospital as irmãs da caridade. Como trica eleitoral repugnante, essa immunda sentina da Vera Cruz, que tem matado mais almas de que os pantanos fetidos teem matado de corpos, dizia n'outro dia que a estatua de José Estevão não foi inaugurada em tempo competente por não estar prompta e que o seria assim que chegasse, independente das manas do mano.

Mentis, covardissimos villões. Para onde e para quem julgaes que escoreveis, se todo o mundo vos conhece em Aveiro? A estatua de José Estevão não foi inaugurada por causa das irmãs da caridade, nem o será enquanto ellas não sahirem d'Aveiro. Sempre estivemos auctorizados a declarar-l'os. A estatua está prompta, e tanto que lá ostenta os seus primores na exposição industrial de Lisboa, onde é alvo das maiores admiraciones. Foi para a exposição e não veio logo para Aveiro por se ter resolvido não a inaugurar por enquanto. D'outra fórma já estaria entre nós e no largo municipal, exposta ao respeito d'estranhos a attestar a gratidão e a gloria d'um povo.

E fostes vós, miseraveis, que

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prégio d'arame, etc.

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS
HYDRAULICAS
De POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME
"CERCA-ESPINHO"
Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE
TUBOS DE FERRO
zincados e pretos para
CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha
(CAUCHOC).



FOGÕES
CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO

"AGATE"

Para serviços da cozinha
e mesa, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS

Para Fructas e Lrogas.

E OUTROS
ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moínhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possível para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Asseta-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente,
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)

MACHINAS DE COSTURA DA COMPANHIA FABRIL

SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

As melhores e mais acreditadas machinas do mundo a prestações de 500 réis por semana e a dinheiro com grande desconto

A Companhia Fabril Singer, garante todas as machinas da sua exclusiva fabricação, e tem um especial interesse em não recomendar nenhuma que não seja a mais propria para os trabalhos que tenham de executar-se.

A Companhia Fabril Singer, tem alcançado em todas as Exposições os primeiros premios.

A Companhia Fabril Singer, não sacrifica nunca a utilidade, solidez ou duração á mera apparencia; as suas machinas são feitas para cozer, cozendo tudo bem; não estão envernizadas nem douradas para occultar defeitos, como succede com as imitações e falsificações allemãs.

A Companhia Fabril Singer é sempre a primeira a introduzir os ultimos e verdadeiros melhoramentos nas machinas para cozer: por estas e outras razões o publico comprehenderá, porque os allemãs se dedicam com preferencia a imitar as machinas SINGER. O ouro falsifica-se sempre, o latão nunca.

Chamamos a atenção do publico para as novas machinas denominadas LANÇADEIRA OSCILANTE, com as quaes se podem fazer primorosos trabalhos e que até hoje ainda não tiveram rival. E' a rainha das machinas!

75, Rua de José Estevão, 79

AVEIRO

CONTRA A DEBILIDADE

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco—Filhos, em Belém. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Pomada Curativa Vegetal RENAULT

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais eficaz para curar radicalmente escrophulas, ulceras antigas, varizes, cancro meo depois de ulcerados, syphilis, erysipelas, escoriações, doencas de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflamações. Prova-se com attestados o bom resultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carreira, largo dos Trigueiros, 14, 2.º, Lisboa. Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importancia.



AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA

PARA, MARANHÃO, CEARA' E MANAUS

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

Passagens de 3.ª classe a 26\$000 réis

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encarega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços barattimos.

CAZA

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia, tendo sahida para a rua do Roxo.

Quem a pretender falle na mesma com seu dono Francisco Augusto Duarte.

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de sal-saparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' barattissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.º, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de roupas de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 réis.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não podereim vender até á vespera de se effectuar o sorteio. E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis 8:000\$000.

Bilhetes a 4\$800 réis; meios bilhetes a 2\$400; quartos a 1\$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, téem de tirar uma licença que nas provincias é de 1\$500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no Diario do Governo de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

56 — RUA DO ARSENAL — 64

LISBOA

HOTEL CENTRAL

DE

MANUEL FRANCISCO LEITÃO

RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.

O POVO DE AVEIRO

17 de Setembro

SUPPLEMENTO AO N.º 543

17 de Setembro

Acabamos de receber o seguinte telegramma:

«Encarrega-me o Ex.º Presidente do Conselho de participar-lhe que estão adoptadas as providencias reclamadas em seu telegramma de 14 para ser mantida a liberdade de voto na eleição da Misericordia.—(a) A. e Brito.»

Já não temos palavras para classificar os quadri-lheiros-infames. Nós julgavamos que pudesse haver ainda n'aquelles ladrões, não vergonha, que vergonha nunca elles tiveram, mas um pouco de receio ao menos da indignação publica, da justiça dos homens. Mas não; o descaro é unico; a impudencia passou os extremos de tudo quanto se podia esperar.

E são uns covardissimos canalhas! Aquillo não é valentia, reparem bem, aquillo não é coragem, ou coisa que se lhe pareça. Aquillo é a villania indecentissima e torpe de quem confia na impunidade. No dia em que qualquer dos malandros rolar com quatro bofetadas no meio da rua, no momento em que o povo indignado agarrar nas orelhas de qualquer dos ladrões, o descaro transforma-se na supplica degradante e humilde, e a impudencia na humildade repugnante d'um lazarento escravo.

Aquillo não é valentia, não é mesmo atrevimento ousado. E' a firme convicção de que se pode d'este povo fazer tudo quanto se queira. Praticaram impunemente tantas infamias, de tal fórma atropellaram os principios mais santos da dignidade moral e da independencia humana, de tal fórma escarneceram a lei sem a menor resistencia da parte d'esta cidade, que se convenceram em absoluto de que isto era burro podre em que cada um podia escarnecer e bater. Eis ahi a ultima confirmação no telegramma do sr. presidente do conselho. Nós acreditamos na sinceridade do sr. José Luciano de Castro. Sim; o sr. ministro do reino, tenha os defeitos que tiver, não é um miseravel da laia de qualquer malandro de Aveiro, apesar de descer immenso da sua cathogoria e da sua reputação com esse bandido que conserva á frente d'este districto. O sr. José Luciano vale mais alguma coisa para nós. E então queremos admittir que fosse sincero; queremos acreditar que tenha dado as ordens precisas para se manter a liberdade que a lei determina na eleição da Santa Casa da Misericordia.

Mas quê, sr. ministro do reino? Escarnece-se de v. ex.ª, como se escarnece de tudo. As tropelias são immensas. **Os cadernos dos electores da Santa Casa da Misericordia foram vilmente falsificados.** O miseravel do Trinca Espinhas, que não toma emenda emquanto não lhe esbarracharem aquella carcassa, adulterou tudo. O Zé Forqueta porquissimo, o sujo José Eduardo de Almeida Vilheña, que deshonra a sua propria familia, que persegue os seus proprios parentes, os rapazes honestos que se oppõem ás vergonhas immundas d'esse novo Borgia, propoz que se riscassem cincoenta irmãos do respectivo caderno, cincoenta irmãos que lhe eram adversos, cincoenta consciencias honestas, e cincoenta irmãos foram riscados e substituidos por outros.

E' assim que se cumprem as ordens de v. ex.ª, sr. José Luciano de Castro? V. ex.ª consente que o ludibriem d'essa maneira infame? E se nós amanhã pegarmos por as pernas do Trinca Espinhas e do infamissimo Borgia e os atirmos ao caes, somos por ventura desordeiros, somos por ventura revolucionarios? Nós, que temos dado aqui provas da maxima cordura, do maximo respeito e que temos visto repellidos todos os nossos direitos e atropelladas todas as nossas regalias? Pois v. ex.ª não vê que não ha paciencia que soffra tamanhas affrontas? V. ex.ª não vê que não temos outra maneira de nos defender senão a cacete, senão a pau?

Sr. ministro do reino, se v. ex.ª não tomar uma attitude muito energica v. ex.ª vae assistir a conflictos gravissimos.

Mas é certo; a commissão administrativa não podia sequer substituir os irmão mortos por outros individuos. Veda-lh'o a lei. Não tem poderes para isso uma simples commissão administrativa. Pois, não obstante, substituiram os irmãos mortos por escravos das suas roças e foram-se aos restantes vivos que não lhe agradavam e riscaram-n'os dos respectivos cadernos. Não ha que vêr. Esgotaram-se de todo os recursos pacificos.

Porém não é tudo, sr. ministro do reino. Que mal fazia o Roque Vieira, que era um empregado exemplar do hospital, a esse maroto do alferes Pilecas? Por ventura o Roque Vieira não podia votar em quem quizesse, ou nós retrocedemos aos tempos do cabralismo? Essa é outra das patifarias que convém ter de memoria. Toda a gente se lembra da maneira insolente porque o Zé Forqueta accusava os seus adversarios de só fazerem politica na administração da Santa Casa. De que não entravam lá por outro motivo nem para outro fim. De que elle, e os seus homens, é que eram os grandes, os puros, os administradores zelosos e honestos que miravam só ao bem da Santa Casa e não a chicanas e tricas politicas. E vae d'ahi um dos *homens*, um dos *catões*, um dos *famosos administradores* despede um empregado trabalhador e honesto só porque elle lhe dissera que não iria ás eleições votar por ninguem. Attente-se n'isto, que é importante! O Roque Vieira não lhe disse que votava pelos adversarios! Disse-lhe que não votava por ninguem. O bastante para ser despedido immediatamente!

Que diz v. ex.ª a isto, sr. José Luciano de Castro?

Que diz v. ex.ª á circumstancia illegallissima e escandalosissima do governador civil andar de noite a pedir o voto de porta em porta? Um miseravel que até foi pedir o voto ao infeliz Ambrozio dos Santos Victor. Sabe-se a historia d'este infeliz. Foi um trabalhador dedicadissimo da casa Manuel Firmino, onde teve sempre uma retribuição mesquinha para o muito serviço que fazia. Um dia adoeceu gravemente. Então Manuel Firmino deu-lhe o pontapé villão que um homem bom não dá no animal lazarento que lhe tenha prestado serviços. Um cão morre, por via de regra, em casa do dono de quem foi amigo extremo. O infeliz Victor, mais infeliz do que um cão, foi arremessado á margem pelo *pae dos pobres* quando não podia trabalhar. Elle ahi está doido, com um collete de forças. Elle ahi tem vivido no maior abandono por parte da familia Firmino, que nem sequer ao menos mandava saber do estado do pobre. Mas chegaram-se as eleições. Ah! Então era o momento apertado. Então era o momento critico. Então surgiu a lembrança d'aquella existencia esquecida. E lá vão os miseraveis preparar a familia do misero doido, para que o triste fosse transportado á egreja no dia 19 a fim de exercer os seus *direitos civicos*!

Onde está a religião d'esses tratantes, ó povo? Isso é que é ser religioso?

E a proposito de religião falemos d'outro galopim. E' o prior da Vera Cruz. **Esse padre anda a pedir votos de porta em porta para que o seu collega continue na prostituição infame em que vive com as irmãs da caridade. Para que um certo jesuita conhecido, ainda possa um dia ter nova occasião de roubar irmandades e illudir confrarias.**

Onde está a religião d'esse padre, ó povo? E' por amor da religião que esse reles galopim mette em processo os irmãos do Santissimo que pacificamente distribuem flores na festa da Hora? Até as flores odeia, o galopim tonsurado. Se elle odeia a vida! E' por amor da religião que esse padre faz distincções de logares na sua egreja para vexar o povo honrado, o povo simples que tem honra bastante para se poder sentar ao pé de toda a gente? E' por amor de Deus que elle deixa dormir o sachristão debaixo dos altares? Tartufos, hypocritas, jesuitas corruptos e maus!

Eis a tropa do Manuel Firmino. Metteu cincoenta homens illegalmente no recenseamento, como cincoenta escravos das suas ordens. E não ha de haver, n'esses cincoenta, consciencias altivas para repellirem o negro papel que lhes dão! Cincoenta escravos que vão alli ás ordens do nosso senhor! Mais o padre da Vera Cruz, mais o Borgia, mais o Trinca Espinhas, tudo d'envolta com pressões, violencias, ameaças e promessas illusorias. Eis as forças poderosas do capitão de ladrões!

Promettem-te tudo, ó povo! Casas, dinheiro, marinhas, empregos, livrar-te os filhos do recrutamento e até abraçar o céu com as mãos.

Pois fia-te n'elles e espera pelo pontapé que has de levar no dia seguinte ao das eleições.

Poderíamos dizer aqui como Michelet: «Eu não ataco o padre; ataco a sua escravidão, a sua situação contra a natureza, as condições singularíssimas que o tornam ao mesmo tempo desgraçado e perigoso. Um ente que não tem a liberdade de ser justo, nem de amar, nem de ter odio; que recebe de cima as palavras que ha de dizer, os seus pensamentos, os seus sentimentos!»

Sim, nós não atacamos o padre. Pobre padre! Todos nós brincamos em pequenos, allí, no pateo da escola. Às vezes fugíamos todos. Era nas manhãs, formosas em que o sol nos vinha rir à porta. Elle era tão meigo e a escola era tão aspera! Elle era tão morno e a escola era tão fria! Elle tinha encantos côr de rosa, candidez de virgem, suavidades d'um amor immenso. O continuo era tão bruto, o professor tão aspero, a grammatica tão sêcca!

O combate era terrível. Nós queríamos o sol. Mas a gravidade paterna, enfarruscada e azeda? Mas a disciplina academica, com ares de carcereiro em beca de juiz?

Davamos um passo para traz. E o sol a rir-se, allí ao pé da porta! E a natureza a beijar-nos, em beijos azulados como a nossa existência de creanças perfumada de visões. Oh! e cem vezes a vida nos venceu. Cem vezes, n'um impeto d'alma generoso, nós corremos para o sol, a fugir, a fugir, a fugir do substantivo importuno, dos numeros primos, maus parentes, do bruto do continuo e do fero professor.

E tu vinhas comnosco, ó padre. Tu vinhas comnosco aspirar o perfume da flôr e ouvir o rouxinol. Tu arrostavas a gravidade paterna, o rugir cavernoso do nosso carcereiro ao marcar-nos zero no dia immediato com ar alegre e triumphante de heroe de Waterloo. Tu vivias.

Tu vivias. Porém, que contraste! Hoje nós amamos, como d'antes, à luz do mesmo sol risonho, a mulher pura como a nossa innocencia d'outros tempos. Tu não amas; tu gosas brutalmente a prostituta vil. Ou mas no fundo escuro da caverna, o amor sombrio do reptil que não tem luz! Nós aspiramos o perfume da alma da creança, como aspiravamos outr'ora o perfume da flôr. Tu, proscripto do amor, sentes na creança a mesma seccura que sentias no latim e foges da familia como fugias do carcereiro fero, do vencedor com zeros, como Wellington com balas de canhão.

Nós falamos e pensamos à sombra da mesma arvore fresca que nos ouviu outr'ora com affecto carinhoso os nossos murmúrios da infancia. Tu não falas; não te deixam. Tu não pensas; não o querem. Nós temos a grande aspiração da humanidade progressiva e civilisadora. Tu não tens senão um fito e um progresso:—é o Papa!

Pobre padre, que és uma pobre victima! Nós não te temos odio; nós temos dó de ti.

Porém, assim como os renegados são por via de regra os algozes mais terríveis dos que foram seus irmãos, assim o padre, repellido de todos os affectos, roubado a todas as expansões do coração, expulso da especie, é muitas vezes o inimigo mais terrível da natureza e da vida. Assim como a força de soffrer o coração do homem se endurece, assim o coração do padre se torna insensível aos sentimentos delicados da grande familia humana. Eis a victima, eis o crime. Os preconceitos sociaes, as conveniencias de momento, a ignorancia

dos paes e muitas outras causas semelhantes recrutam centenas de soldados para o clero, que voluntariamente nunca se teriam alistado no exercito. Se esses homens tivessem todos alma, não diremos para se revoltarem, mas ao menos para protestarem contra a tyrannia infame a que os submetteram, quão grandes não seriam as conquistas da civilização? Se resignados, e não desesperados, tentassem em prol da humanidade evitar novas victimas e suffocar a tyrannia de que soffrem, que largo campo que essa gente não teria para fundos conselhos e vastas lições ao povo rude e ignorante? Que forte civilização não daria aquelle pulpito? Que doce ensinamento não seria o confissionario? Então seriam victimas prestigiosas e aureoladas. Victimias que se sacrificavam heroicamente para impedirem novas victimas.

Mas não é isso que succede, no geral. A tyrannia irrita-os. O soffrimento desespera-os. E eis-os perseguindo atrozmente os seus irmãos em Deus e na humanidade!

Um dos bons exemplares d'essa raça criminosa é sem duvida o prior da Vera Cruz. Olhae-lhe para o rosto e vereis escripto a perfidia. Vede-o proceder e achareis o jesuita. No seu falar, no seu andar, no seu olhar, no seu todo, esse homem é um renegado, cheio de rancores para a sociedade que o alimenta no seu seio.

Não tem amor ao povo, nem a Deus. O seu odio é tudo. A perfidia enche-lhe o espirito. Que não tem amor a Deus facilmente se demonstra. **Esse padre apela as irmãs da caridade. E as irmãs da caridade prostituem-se com um padre seu collega. Esse padre defende os jesuitas, e ha um jesuita, conhecido d'um padre seu collega, que roubou as irmãndades d'esta terra.** Esse padre pede votos de porta em porta para evitar que o Manuel Firmino vá ao chão. E o Manuel Firmino é o infame que nós temos apontado. Ora pôde ter amor a Deus quem quer irmãs da caridade no nosso hospital para se exercer com ellas acções indecorosas? Pôde ter amor a Deus quem sabe de roubos a certas confrarias e sanciona esses roubos? Pôde ter amor a Deus quem anda pelas ruas a defender os ladrões? Não pôde; esse homem deshonra a religião christã.

Que não tem amor ao povo com a mesma facilidade se conhece. Basta a historia das flôres na festa d'Ascensão. Foi sempre costume n'esta terra lançar-se flôres sobre o povo na festa da Hora. Segundo esse costume procederam os irmãos do Santissimo na freguezia da Vera Cruz. E que fez o miseravel? **Prohibiu** que se continuassem atirando flôres. Os irmãos responderam-lhe que tal prohibição não tinha razão de ser, porque eram elles que pagavam a festa e que a faziam, e que alem d'isso não estavam praticando nenhum acto indecente ou irreligioso. Então o miseravel manda-os prender e chama-os aos tribunaes por **desobediencia!**

Note-se que tudo isto se passou emquanto o padrea rezava a missa. Como aquella alma pensava em Deus e nas coisas do céu! Cheia de rancores, cheia de odios mesquinhos pelo que se passava na egreja! Em lugar de pensar no officio da missa, trazia a cabeça rancorosa aos tombos pelo templo a reparar no que se estava praticando.

Mais. Estabeleceu na sua egreja distincções de logares. E quan-

do os populares se sentavam nos logares que elle reservava para os fidalgos, mandava-os rudemente e inaderadamente levantar. Tem algum amor ao povo, este padre?

Mais. Quando alguém lhe pedia que não levasse por deante a policia correccional, que intentou contra os honrados populares que praticaram o horrivel crime d'espallhar flôres durante a festa da Ascensão, lembrando-lhe que era digno perdoar, porque tambem Christo perdoara, respondeu o abrupto e de prompto:

«Pois se Christo perdoou, deixal'o perdoar. Eu é que não perdoo.»

É este o miseravel que em nome de Deus anda a pedir votos para as irmãs da caridade! Ah! tem o povo uma prova manifesta da caridade d'aquelle grandissimo tartufo.

Mais. Quando em plena mesa da Santa Casa da Misericordia um irmão lhe referia os boatos que corriam, entre o publico, d'um padre entrar a toda a hora no hospital para exercer actos infames, o padre furibundo exclamou: «Miseraveis, nein ao menos veem que se eu o quizesse fazer o fazia com as mulheres e com as filhas d'elles.» Isto é authenticico. E estavam allí uns poucos de paes e de maridos que não lhe enterraram logo uma cadeira pela cabeça abaixo!

Ora ahí está o farçante, que é um dos grandes galopins da companhia dos malandros. Nenhum popular pôde votar a lista d'esse typo, tão inimigo de Deus como inimigo dos homens. Vota-l'a é deshonrar-se. Vota-l'a é polluir-se.

Abaixo o padre! Abaixo todas as infamias! E' tempo d'esta terra se levantar à altura das suas heroicis tradicções e do seu nome aureolado.

Já hontem falámos no caso do infeliz Ambrozio dos Santos Victor para provar até onde chega o requinte do desavergonhamento nos ciganos infamissimos. Falámos a correr, como temos de fazer hoje, porque nos falta o espaço para tantos escandalos que nos assoberbam. Mas a historia é esta, na sua simplicidade.

Ambrozio dos Santos Victor, como hontem referimos, foi um trabalhador dedicadissimo da casa Manuel Firmino.

Um dia foi chamado aos tribunaes, por abuso de liberdade d'imprensa, o papel da Vera Cruz. Ambrozio era editor, sentou-se no banco dos réus e foi condemnado a qualquer numero de dias de cadeia, a outros tantos remiveis e ás custas e sellos do processo. Era do dever do Manuel Firmino, está claro, pagar todas as despezas e libertar o homem da cadeia tanto quanto lhe fosse possível. Pois Manuel Firmino abandonou a sua victima, declarando-lhe terminantemente que não pagava cinco réis porque não tinha. E ahí anda o pobre Ambrozio a fugir com os tarecos para não serem penhorados pela justiça!

Depois o infeliz impossibilitouse de trabalhar. E Manuel Firmino, que lhe devia ser reconhecido, tratou de se libertar d'aquella carga arranjando-lhe um emprego de tres tostões por dia na camara municipal. O malandro ia ao bolso dos municipios arrancar a remuneração mesquinha dos serviços que o infeliz lhe tinha prestado! Porém, e aqui detemse-nos a pena d'indignação, descontou logo esses tres tostões no vencimento que Ambrozio tinha em sua casa!!! Ainda se elle arranjasse o emprego ao pobre artista para lhe minorar as condições economicas vá, embora os

municipes não tenham que pagar serviços pessoas seja de quem fór. Mas não. Ambrozio, que ganhava 5 tostões em casa de Manuel Firmino, passou a ganhar 2, visto ter os tres do seu emprego! Por fim nem esses dois restaram. Ambrozio era besta de carga, era burro lazarento e Manuel Firmino mandou lançar á ilha o desgraçado para lá morrer ao desamparo e á fome.

Eis a historia, horrorosa na sua simplicidade. E é um pobre d'esses que Manuel Firmino queria fazer ultimo instrumento da sua canalhice, levando-o doido, n'um estado profundamente triste, a depôr na urna *livremente* a lista da companhia dos malandros.

Um infame!

A esposa do sr. Barboza de Magalhães e filha do Manuel Firmino tem andado de porta em porta a pedir votos aos eleitores.

Minha senhora, as damas romanas tambem ás vezes interviam na politica, mas para defender a patria e a liberdade contra os seus proprios parentes. Foi á frente d'essas damas que a mãe de Coriolano lançou a maldição sobre seu filho, quando cercava a cidade de Roma.

Foi pela patria que Filippa de Vilhena arrou seus filhos cavalleiros e os mandou morrer ou vencer no campo da revolta.

Eram assim, minha senhora, as velhas damas de todos os paizes n'esse tempo heroico do brio, do cavalheirismo e da honra. Recebiam o filho morto e honrado para lhe beijar as faces frias na dôr immensa do seu coração atribulado. Mas mandavam expulsar pelos lacaiois o filho vivo e deshonrado que se lhes avisinhava do limiar da porta a perturbar a honradez vetusta dos seus braços gloriosos.

Quando a gente tem parentes, que mancham o brio social, o pundonor individual, que deshonram a patria e attentam contra a liberdade, choramos em casa essa desgraça e apertamos em segredo o coração de dôr. Mas, minha senhora, nunca sahimos á rua a quebrar lanças por elles, sob pena d'irmos todos no enxurro que os leva.

Algum eleitor saberá ter respondido isto mesmo ás lagrimas publicas de v. ex.ª

Mas, decididamente, nós desecemos muito baixo. Esses cincoenta homens, que elles introduziram á ultima hora no recenseamento, são um signal bem frisante e bem claro da baixeza em que cahimos. Assim se dispõe de cincoenta homens, como d'um rebanho de carneiros! Assim se fecham na mão cincoenta consciencias! Cincoenta eunuchos de serralho! Cincoenta escravos, ao finidar do seculo desenoje! Cincoenta soldados, que trocam o papel altivo e sublime de soldados da patria e soldados da liberdade, de cidadãos da terra anada de José Estevão, de homens livres quando o sol da civilização já vae tão alto, pelo papel infimamente pulha e miseravel de soldados da companhia dos malandros.

Ide em paz, ó desgraçados, que a patria cobre o rosto de vergonha!

E alguns d'este pobre povo não são maus. Antes o fossem! Correm atraz d'uma mentira. Deixam-se illudir por uma infamia. São ingenuos e são simples. E elles lá vão, correndo, correndo, nos areas da vida, atraz da miragem que tanto mais foge quanto mais elles a perseguem, até cahirem extenuados sob o sol ardente, quando já é impossivel vol-

tar á velha aldeia, pobresinha, mas ao menos com agua crystallina da montanha para matar a sede devorante. Ah! quem lhês dêra as lagrimas de Agar para chamarem em seu auxilio o socorro do Senhor!

Quem vêr? Um cidadão qualquer precisava muito, para melhorar uma das suas propriedades, d'uma nesga de terreno pertencente a um membro da companhia dos malandros. Perseguiu este sujeito, mas debalde. Porém, chegaram as eleições e com as eleições, é de vêr, chegou o diluvio das promessas. O malandro foi pedir o voto ao referido cidadão em troca da venda da tal nesga de terra. Ajustaram, combinaram, emfim, ficaram n'isso.

Soube da famosa intrujice um cavalheiro d'esta terra. Procurou o eleitor e disse-lhe:—«Queres a prova de que te enganam? Vae procurar o Barboza de Magalhães e diz-lhe que faça as escripturas antes das eleições. Se elle fór sincero, claro é que não tem duvida nenhuma em o fazer.» O eleitor seguiu esse conselho sensatissimo e prudente. E sabem o que o alferes lhe respondeu, rindo-se, com um riso infernal de Mephistopheles? «Dispenso o seu voto, passe muito bem. Já não preciso d'elle.»

Vede o miseravel! Tudo promete, com a firme tenção de não cumprir coisa nenhuma. Tudo, absolutamente tudo. Para elle não ha dificuldades. Quereis a mitra d'um bispo, ou o chapéu d'um cardeal? Dae-lhe o voto, e ficareis servidos.

Dae-lhe o voto, dae, simplorios, que não aprendeis com tantas lições que tendes recebido. Dae-lhe o voto e esperae a recompensa pelo fim.

Estâmos no momento historico d'uma crise grave. O nosso espirito concentra-se, como a natureza quando se isola e cala ao aproximar da tempestade violenta. No céu a luz rutilante da gloria; na terra o charco immundo onde pullulam as rãs. No alto o genio d'Aveiro impellindo-nos para o caminho da honra, da emancipação, da liberdade e do progresso: o nome grande de nossos filhos, o diadema refulgente dos nossos heroes, o nosso passado enorme, a nossa historia brilhantissima; em baixo, a degradação presente, a biltraria repugnante, uma existencia miseravel, nm futuro de trévas.

O povo escolherá. O povo escolherá entre a emancipação e a escravidão; entre a virtude e a infamia; entre a liberdade e o retrocesso; entre José Estevão, a synthese magestosa da grandeza de Aveiro, e Manuel Firmino, a nodoa indigna da nossa vida de momento. O povo escolherá.

Firmes nos nossos direitos, inabalaveis em manter as nossas regalias! Pacificos, mas energicos. Mansos dentro da legalidade, revolucionarios fóra d'ella. Seja essa a nossa linha de conducta no dia de amanhã. Serenos, como os grandes exercitos nas vesperras das grandes batalhas. Deixemos aos outros a indisciplina e a desordem. Não nos perturbemos e gritemos sempre, antes e depois da batalha:

Viva a Patria de José Estevão!
Viva a Liberdade!
Viva o Povo!
A' urna pela honra, pela emancipação, pelos progressos e pela gloria impolluta da gloriosa historia da cidade de Aveiro!
A' Urna!